

---

## DOCERE ET DELECTARE: ORNAMENTO E ENSINAMENTO EM PRECEPTIVAS ARQUITETÔNICAS\*

Milena Pereira Silva\*\*  
(UESB)

Marcello Moreira\*\*\*  
(UESB)

### RESUMO:

Objetiva-se neste trabalho discutir de que maneira são expressas em alguns tratados arquitetônicos, produzidos entre os séculos XVI e XVIII, noções de decoro homólogas aquelas encontradas nos tratados que preceituam as artes retóricas desde a Antiguidade. Estes tratados, ao passo que ecoam os preceitos ditados por Vitruvius no século II a.C., instituem uma memória sobre o fazer arquitetônico constituindo-se como discursos que legitimam a autoridade dos arquitetos que se empenham tanto na *fabrica*, ação mecânica compreendida pelo próprio ato de construir, quanto na *raciocinatio*, ação intelectual que compreende a concepção do projeto arquitetônico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Preceptivas da arquitetura; Retórica; Memória.

### INTRODUÇÃO:

Filha da necessidade, a arquitetura acompanhou o desenvolvimento humano, passando da simplicidade das estruturas

---

\* Pesquisa financiada pela CAPES. Integrante do Projeto de Pesquisa “Memória e práticas letradas no Império Português: Séculos XV-XIX” sob coordenação do Prof. Dr. Marcello Moreira.

\*\* Mestrada do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

\*\*\* Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo – USP; Professor titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

---

simplórias e grosseiras em sua “primeira infância”, como nos diz Rusconi (1660), à complexidade das analogias entre as medidas corporais e a dimensão dos templos dedicados a cada divindade, como informa Vitrúvio (1931. p. 159). As construções também são capazes de aliar funcionalidade e beleza, pois servem tanto para abrigar os homens e suas instituições quanto para deleitar aqueles que apreciam os edifícios públicos. Em seu caráter de monumento a arquitetura constitui-se como um meio importante de manutenção de memória, função homóloga àquela desempenhada pelos monumentos literários que se pretendem mais perenes que o bronze, como declara Horácio no *incipit* da Ode *Ad Melpomene*. Identifica-se com a *sciencia civilis* nos moldes ciceronianos, pois sua condição de verdade, enquanto saber, só pode ser expressa através da eloquência própria aos discursos retóricos. Assim como estes discursos, a arquitetura é capaz de provocar em seus espectadores reações que não se reduzem à admiração provocada pela grandiosidade de determinadas construções: além de ser capaz de mover afetos, pode ensinar e deleitar, buscando manter nas estruturas edificativas uma ordem representativa do *ordo theologicus et politicus* estabelecido na sociedade de corte. O conjunto arquitetônico harmônico formado pelos ornamentos, materiais, disposição de elementos e proporção é dotado de *enargeia* e capacidade persuasiva e, assim como a retórica, deve seguir um decoro específico, adequando o estilo à função e ao público a que a obra se destina. Este trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla que visa a investigar as relações entre *ars aedificatoria*, poesia, memória, retórica, poder e política no Antigo Regime Português, especificamente durante o reinado de Dom João V (1706 a 1750). Para tanto nos voltamos para o *corpus* que denominamos, com a licença de Vaughan Hart e Peter Hicks, *Palácios de Papel*, e que compreende não só as poesias efrásticas que comemoravam a construção da mole arquitetônica, mas também os tratados arquitetônicos que orientavam o próprio ato de construir e implicavam, para o preceptista e para seu público, não apenas

---

contemporâneo, mas também vindouro, uma possibilidade de atualização do projeto arquitetônico, possibilitando que os edifícios concebidos pelo engenho do arquiteto no papel possam ser erigidos em pedra em qualquer tempo e lugar.

### **MATERIAL E MÉTODOS:**

Os procedimentos metodológicos que orientaram a produção deste trabalho, e todo o desenvolvimento da pesquisa até o momento, compreendem o estudo sistemático de algumas das preceptivas arquitetônicas de matriz vitruviana escritas entre os séculos XVI e XVIII, tais como a edição crítica dos *Dez Livros de Arquitetura* de Vitruvius produzida por Leon Battista Alberti (1546), o *Primeiro* (1559) e o *Segundo* (1561) *Livros de Arquitetura* de autoria de Jaques Androuet Du Cerceau e os *Dez Livros de Arquitetura* de Gio Antonio Rusconi (1660), por exemplo. As obras que integram o *corpus* de análise foram cotejadas com textos teóricos que permitem pensar os fazeres poético e arquitetônico como lugares de instituição de memória, visando assim a solucionar o problema que se coloca quando da preeminência dos monumentos literários como perenizadores de memória. Segundo Moreira (2005, p. 59) a realização de uma pesquisa desta natureza depende do uso de fontes históricas, poéticas, arquitetônicas, escultóricas que permitam uma operação de leitura mais abrangente, centrada na análise de relações de reciprocidade e antagonismo das artes no que respeita à sua capacidade de gerar memória e de mantê-la, proposta a ser explorada aqui para verificar sua ou não exatidão. Tendo em vista isto, fez-se necessário consultar livros de Emblemas, como o *Emblemata* de Andrea Alciato (1536) e *La métamorphose d'Ovide figurée* (1557), textos de ampla circulação nos séculos XVI e XVII, posto que as imagens que acompanham os lemas podiam ser usadas como ornato arquitetônico, de acordo com o *status* do comitente, sendo também uma

---

maneira de transmitir determinado ensinamento, como afirma Du Cerceau (1561). Também fez-se uso de diversas artes retóricas oriundas da Antiguidade buscando identificar os procedimentos retóricos utilizados quando da produção dos tratados arquitetônicos e, analogamente, compreender de que maneira ocorre a persuasão através da contemplação da arte arquitetônica.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Poucas artes encerram tantos saberes quanto a arquitetura. Autores renascentistas como Leon Battista Alberti e Vincenzo Scamozzi reconheceram sua importância e elevaram seu status através de seus escritos:

Tanto Alberti quanto Scamozzi consideraram a arquitetura como a origem da sociedade: ela dá abrigo aos seres humanos e guarda suas instituições, deuses e principais rituais cívicos; através de sua beleza também fornece dignidade à vida humana e eleva o intelecto. Para Alberti a arquitetura é a suprema expressão de uma sociedade civilizada, bem ordenada e próspera que se encontra apta para se defender, proporcionar a seus cidadãos uma vida feliz e honrar os deuses. A arquitetura não é apenas um estágio da vida cívica, mas também fornece monumentos em pedra com vistas a manter viva a memória coletiva de uma sociedade. Para Scamozzi o objetivo supremo da arquitetura é simplesmente 'ordenar todas as coisas' (ECK, 2007. p. 37. tradução livre).

Se para Cícero os pilares da *scientia civilis* fundamentam-se na razão, necessária para o conhecimento da verdade, e na retórica, indispensável para persuadir os demais acerca desta verdade, é possível identificar arquitetura e ciência civil em moldes ciceronianos, pois a verdade acerca dos princípios da arquitetura só é alcançada através do engenho do arquiteto e só ele é capaz de expor esta verdade com

---

eloquência através dos tratados que devem ser escritos segundo os preceitos que regem este gênero.

Neste âmbito Eck (2007. p. 36) opera uma aproximação entre retórica e arquitetura, posto que ambas compartilham um caráter universal. A autora nos lembra que tanto o arquiteto quanto o orador devem “ter conhecimento de todas as coisas sob o sol”, o que remete à formação enciclopédica do arquiteto como pressupunha Vitrúvio e que ambos têm de conquistar a preferência do público. O arquiteto deve demonstrar excelência na arte e através de seus escritos para que seu reconhecimento lhe proporcione um maior número de encomendas e sua obra seja tomada como parâmetro para as demais obras que serão entregues à posteridade. A persuasão do cliente depende também de que o arquiteto observe o “o capital de poder, prestígio, prerrogativas e direitos que cada um detém” para que através do constructo arquitetônico se façam visíveis “as diferenças que ordenam os sujeitos no Estado monárquico” (MOREIRA, 2005. p. 64). Enquanto o arquiteto precisa fornecer uma forma visível à ideia concebida por seu engenho, o orador necessita conceder a seu discurso forma audível ou legível, ou, como nos diz Eck (2007. p. 38), “ele precisa dar um corpo a seus pensamentos para que desta forma eles possam penetrar, mover e agir sobre a mente ou o público”.

Para além do caráter de necessidade que esteve associado ao surgimento da arte arquitetônica, determinadas construções exibem elementos simbólicos e ornatos cuja função decorativa encontra-se imbuída de significados subjacentes. Dessa forma os edifícios e demais obras erigidas pelo engenho dos arquitetos não são apenas úteis por protegerem os homens dos eventos naturais e de inimigos, sejam eles animais ou outros homens, ou por guardarem seus deuses e instituições políticas, mas por expressarem, através das suas proporções e ornatos, o escalonamento social dos grupos que se organizam segundo o *habitus* dos seus moradores. Considerando-se a

---

hierarquização política das edificações, prescrita pelos tratados, a *ars architectonica* aproxima-se da *ars rethorica*, pois as construções, assim como os discursos, seguem um decoro próprio que deve conformar-se ao habitante, sua posição de autoridade e poder que exerce na sociedade, ou seja, o *valor de prestígio* (ELIAS, 2001. p. 78) da construção deve ser condizente com o *ethos* estamental, “instrumento de auto-afirmação nas camadas superiores” daqueles que a habitam:

### **CONCLUSÕES:**

Desde a escrita dos tratados que modelizam a construção dos edifícios de acordo com a correlação entre *ethos* estamental e habitação, deve estar presente de forma clara a prescrição que ordena as plantas das construções politicamente, hierarquizando-as, ora segundo os títulos ou graus de nobreza dos que irão habitá-las, ora segundo seu “estado” referido genericamente, o que autoriza apenas a alguns edificar suas moradias de uma dada maneira ou se valer de determinados ornatos para embelezar os cômodos de suas moradias. Quanto ao caráter retórico da arquitetura, concluimos que tanto o arquiteto quanto o orador precisam de planejamento para atingir seu público e alcançar os objetivos traçados anteriormente. Um edifício ou monumento, assim como um discurso, pode causar comoção, espanto, para além do deleite causado pela beleza, como dissemos anteriormente. E numa instância particular a contemplação de monumentos arquitetônicos podem evocar determinadas memórias.

---

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Leon Battista. **I Dieci Libri de L'Architectura de Leon Battista de Gli Alberti Fiorentino...** Vinegia: Appresso Vincenzo Vavgris, 1546.

ALCIATI, Andreae. **Andreae Alciati Emblematum Libellus.** Parisiis. Ex officina Christiani Wecheli sub scuto Basiliensi, 1536.

DU CERCEAU, Jaques Androuet. **Livre d'architecture de Jaques Androuet Du Cerceau, contenant les plans et dessaings de cinquante bastimens...** A Paris, 1559.

\_\_\_\_\_. **Second Livre D'Architecture, par Iacques Androvet du Cerceau.** A Paris. De l'imprimerie d'André Wechel, 1561.

ECK, Caroline van. **Classical Rethoric and the visual arts in early modern Europe.** New York, Cambridge University Press, 2007.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

HART, Vaughan. HICKS, Peter. (Editors) **Paper Palaces: the rise of the Renaissance architectural treatise.** New Heaven and London: Yale University Press, 1998.

MOREIRA, Marcello. Ut architectura poesis: uma leitura de Du Bellay, *Anet*, Ronsard, *Saint Cosme*, e Manuel Botelho de Oliveira, *Para um edificio de colunas e arcos.* **Floema:** Caderno de Teoria e História Literária. Vitória da Conquista: Ano I, n. 2, p. 59-100, dez. 2005.

OVIDE. **La Metamorphose D'Ovide figvree.** A Lyon, par Ian de Tovrnes, 1557.

RUSCONI, Gio Antonio. **I Dieci Libri D'Architettvra di Gio Antonio Rvsconi.** In Venetia: Appresso in Nicolini, 1660.

---

VITRUVIO. **On architecture.** Trad. Frank Granger. London: Willian Heinemann LTD; New York: G. P. Putnam's Sons, 1931. 2 v.